

O Uso do Clichê na Indústria Cultural Como Fórmula de Sucesso¹

Letícia Linhares Camargo PULNER²

Mariana Tomé ALDRIGUE³

Marjorie Dal NEGRO⁴

Marcos José ZABLONSKY⁵

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

Este estudo objetivou analisar os parâmetros que acompanham o universo cinematográfico, de maneira a buscar compreender a influência que a mística e ritualística do clichê no cinema exerce na relação consumerista da indústria cultural e como se dá esse processo. Para tanto, inicialmente, foi feita uma análise nas literaturas que tangenciam o mercado consumidor, formas de abordagem e comoção do público em narrativas audiovisuais. Após, foram verificadas tendências e padrões de narrativas que favorecem a abordagem do público-alvo no âmbito cinematográfico nas suas vertentes de romance, ficção e terror. Foi desenvolvido um vídeo com duração de 5 minutos, em vias de facilitar e aprimorar o entendimento do conteúdo, no qual constam diversas situações cinematográficas de clichê dentro dos gêneros estudados.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; indústria cultural; consumo; narrativas; clichê.

Introdução

O desejo humano de se entreter com algo para sair de sua realidade por algumas horas não é recente. Começando com histórias contadas em rodas e mitos até os registros dos primeiros livros, a necessidade de retratar essas histórias se assemelhou com o desejo do homem de captar e mostrar movimento, surgindo aí os primeiros teatros.

¹ Trabalho apresentado na IJ 2 – Publicidade e Propaganda do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Aluna da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, cursando o terceiro período de Comunicação social – Publicidade e Propaganda. E-mail: leticia.pulner@gmail.com.

³ Aluna da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, cursando o terceiro período de Comunicação social – Publicidade e Propaganda. E-mail: mari_aldrigue@hotmail.com.

⁴ Aluna da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, cursando o terceiro período de Comunicação social – Publicidade e Propaganda. E-mail: marjoriesdn@hotmail.com.

⁵ Orientador do trabalho. Professor Doutor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, matéria de Teorias da Comunicação. E-mail: marcos.zablonsky@pucpr.br

Há muitos anos, já era possível ver exemplos dessa forma de diversão se destacando em diferentes culturas, tais como teatros de sombras chineses e peças dramáticas feitas na Grécia. Mas foi apenas em 1892 que Léon Bouly inventou algo parecido com o cinema atual. Os irmãos Lumière vieram logo depois disso, dando início às primeiras produções cinematográficas, em formatos de documentários.

o cinema cresceu progressivamente após sua descoberta. No início, era mudo, com apresentações curtas em preto e branco, dirigido para um público escasso e em locais inapropriados [...] o cinema não era distração, e sim, instrumentos, máquinas tecnológicas; faltava o encanto, a sedução e a ficção para atrair pessoas ao deslumbramento visual. (CIPRIANI; OLIVEIRA E SILVA; BONA, 2006, p.2)

Após os feitos acima citados, o crescimento do cinema e o aumento da quantidade e variedade de filmes chamou a atenção da mídia, que começou a se interessar pelos sucessos de bilheteria e pelo lucro que eles geravam, percebendo o que chamava mais atenção do público e o que era, de certa forma, desprezado. Para garantir tal êxito, os diretores passaram a manter determinado padrão em suas obras, criando uma espécie de “receita” que, ao ser seguida, aumentaria as chances de sucesso. Essa “receita” se diferencia de acordo com o gênero e objetivo do filme, sendo possível citar como principais o romance, o suspense e a ação. O clichê, estudado no presente artigo, e que partiu de um seminário abordado em sala de aula, na disciplina de Teoria da Comunicação, é esse padrão em si, essa característica de seguir a narrativa sempre pelos mesmos passos, dando enfoque em partes-chave, colocando conflitos em momentos pontuais e prendendo a atenção da audiência.

Metodologia

Diante do atual tema apresentado, se faz possível uma síntese qualitativa do quadro geral no que tange o universo cinematográfico, o qual leva à percepção de uma série de clichês, veiculados no segmento das narrativas de comédia, terror e heróis. Bardin (2011, p.145) descreve a respeito da metodologia qualitativa, que, para ela, é embasada na consideração de índice e não na frequência com que cada item ocorre no estudo daquele caso em específico. Dessa maneira, os dados e conceitos expostos nesse artigo são consequência de uma busca entre os principais filmes que utilizaram o modelo do clichê como fórmula para o sucesso. Como forma de atestar essa relação, foi realizado um vídeo de 5 minutos e 35 segundos que abrange um apanhado de filmes

caracterizados por seguir essa fórmula, disponível no link https://youtu.be/_p-HGeVRzfg.

Nessa pesquisa, foram observados filmes nos quais a apropriação desses clichês aconteceu de maneira visível. São eles: "O Diário de Uma Paixão", "Cidades de Papel", "Os Vingadores", "Homem de Aço", "Invocação do Mal" e "Pânico". Foi realizada também a análise de pôsteres cinematográficos mais conhecidos como cartazes ou "capas" de filmes produzidos a partir do ano de 1990 nos gêneros já citados, por possuírem um efeito de pré-determinar o assunto das narrativas. E, por fim, foram apanhados os diretores que mais se utilizaram dessa receita criada pela indústria.

A análise a seguir partiu de um estudo da teoria crítica realizado em sala de aula, na disciplina de Teoria da Comunicação, e se aprofundará no estudo do clichê dentro desse universo, de modo que nos utilizaremos das teses de Adorno e Horkheimer, Walter Benjamin e Marshall McLuhan em seus estudos sobre a Indústria Cultural para embasar essa pesquisa.

Conceitos e Características do Clichê

Originalmente do francês "*cliché*", a palavra clichê significa algo que se banaliza por ser muito repetido, um chavão. Partindo da premissa de que os clichês seriam causados pelas necessidades dos consumidores: e só por isso seriam aceitos sem oposição, segundo Horkheimer & Adorno (1985 apud GOMES, 2003), é possível uma análise do quadro geral no que tange o universo cinematográfico que leva à percepção de uma série de clichês, veiculados no segmento das narrativas de comédia, terror, e heróis.

De maneira padronizada, os filmes vigoram sempre seguindo um mesmo roteiro e, assim, confortam o público que os assiste, uma vez que esse público já sabe o que esperar quando supõe a estrutura da narrativa, ou seja, consegue imaginar que rumo cada personagem vai tomar e o porquê, baseado em fatos anteriores de filmes com as mesmas estruturas narrativas. Segundo HORKHEIMER & ADORNO (1985, p.153 apud GOMES, 2003, p.8), "cada filme é um trailer do filme seguinte, que promete reunir mais uma vez sob o mesmo sol exótico o mesmo par de heróis; o retardatário não sabe se está assistindo ao trailer ou ao filme mesmo".

Época e Cenário Analisado

Ao tratar sobre efemeridade, Bauman (2002) traz à tona o quão rápido as pessoas constroem e destroem padrões e gostos na sociedade contemporânea. A partir desse parâmetro, é possível notar que a indústria precisa acompanhar essas mudanças para que seus produtos e serviços sejam impulsionados e obtenham sucesso, dessa maneira, “Se há um santo para todos os dias do ano, há um objeto para não importa qual problema: a questão toda é fabricá-lo e lança-lo no momento adequado” (BAUDRILLARD, 2007, p. 134, apud CAMARGO, 2016, p.172). Portanto, a indústria cultural acompanha as necessidades do consumidor e oferece aquilo que ele busca e/ou precisa.

Se na sociedade moderna o diálogo oral e as relações interpessoais estão cada vez mais restritos ao mundo imagético e virtual, faz sentido que a indústria cultural, no que tange narrativas, aborde as diversas facetas do ser humano em narrativas que tratam de maneira geral e específica sobre relações que obtiveram, dentro da trama, relativo sucesso ou fracasso e o motivo de tal desfecho.

Relação da Indústria Cultural com a Teoria Crítica

Perante o atual cenário se faz necessário o conhecimento de teses apresentadas por teóricos que se aprofundaram no assunto, buscando o conhecimento da indústria cultural e da manipulação exercida pelo cinema e pelos seus clichês.

Adorno e Horkheimer (2002) acreditavam que o cinema não passa de meios criados para a alienação da população, diante do fato de que diariamente pessoas entram em salas de cinema já cientes da trama que irão assistir e de como a história se desenvolverá. Apesar das inúmeras transformações que a indústria cinematográfica passou, os teóricos defendiam a existência de uma “receita” criada pelos grandes empresários, que dita o roteiro dos filmes. Sendo assim, poucas alterações são feitas e o telespectador se sente confortável em relação ao que está passando na sua frente, sem que exista a real necessidade de pensar ou criar um senso crítico sobre o filme.

Os estereótipos apresentados são consequência de uma necessidade dos consumidores e por essa razão não existe oposição contra o casal que se apaixona e, apesar das dificuldades, fica junto no final ou ainda o herói inesperado que salva o dia humildemente. Walter Benjamin (1987) em um de seus livros conclui que o coletivo vai sempre procurar algo que o entretenha e gere distração para o seu cotidiano.

(...) a recepção através da distração, que se observa crescentemente em todos os domínios da arte e constitui o sintoma de transformações profundas nas estruturas perceptivas, tem no cinema o seu cenário privilegiado. E aqui, onde a coletividade procura distração, não falta de modo algum a dominante tátil, que rege a reestruturação do sistema perceptivo (BENJAMIN 1987, p. 194).

Como consequência dessa padronização de filmes, os consumidores desse produtos deixam de ter, ao decorrer dos anos, senso crítico relativamente aguçado, pois a necessidade de avaliar o produto deixa de existir, já que existe um conformismo com o clichê apresentado.

Quanto mais complexo e fora do padrão for o entretenimento, menores e menos efetivos serão seus efeitos, partindo da premissa que o foco seja distrair o telespectador de sua realidade e levá-lo a uma existência onde ele possa relaxar sabendo, involuntariamente, que tem controle da situação. O telespectador olha o personagem e se imagina naquela situação, criando assim uma fantasia em relação a um enredo que não passa de uma “receita” pré-estabelecida anos atrás pela indústria.

Adorno e Horkheimer defendiam ser este o sucesso de filmes que possuem história e cenas sem uma linha do tempo contínua e linear. Muitas vezes o consumidor não chega a perceber a falta de conexão entre vários elementos do filme por estar extremamente entretido com a trama do que poderia ser sua vida. Por meio de escolhas calculadas, a indústria usa do cinema para tornar a vida mais leve, fazendo com que o ato de ir ao cinema seja o intermediário entre a vida cruel enfrentada diariamente e a esperança de dias promissores e heróis que salvam o dia.

O teórico anos atrás declara sua opinião em um dos seus livros usando a seguinte afirmação:

[...]quanto mais opaca e complicada se torna a vida moderna, tanto maior o número de pessoas tentadas a agarrar-se desesperadamente a clichês que parecem impor alguma ordem ao que, de outro modo, é incompreensível. Assim, as pessoas não somente perdem a verdadeira visão anterior da realidade, mas também acabam perdendo a própria capacidade de experimentar a vida, embotada pelo uso constante de óculos azuis e cor-de-rosa. (ADORNO, 1973, p. 557)

Com essa afirmação, é possível perceber que a indústria cultural exerce um poder tão grande sobre as pessoas que a percepção de mundo dos consumidores é alterada fazendo com que essa visão passe a ser consequência do que veem em filmes. Esse ciclo se torna completo quando a indústria lança produtos de consumo que levam a

história do filme em suas características. Isso faz com que a fantasia criada pelo espectador se torne ainda mais perto do real, levando ele a uma nova zona de conforto ligada intrinsecamente ao aumento do consumo de um produto, que é a extensão de uma criação capitalista.

Diferentemente do que Adorno e Horkheimer defendiam, o teórico da comunicação Marshall McLuhan (1967) via o próprio meio como linguagem e nesse contexto desenvolve o conceito de que os homens criam as ferramentas e as ferramentas recriam os homens. Para ele, o cinema e toda a sua indústria cultural agem como imaginários necessários à vida cotidiana.

McLuhan vê nos filmes algo capaz de produzir pensamentos e mudar a percepção do telespectador sobre o mundo a sua volta. Esse mundo sensorial, criado pela atmosfera cinematográfica, faz com que as experiências pessoais de cada indivíduo sejam renovadas, tirando-o da inércia do mundo ao seu redor.

O teórico Benjamin (1987) acreditava que toda obra de arte comercializável possui duas características marcantes: a aura, que é a aparição única de uma coisa distante por mais perto que ela esteja, e a unicidade, que é o caráter único e tradicional da obra de arte. Dentro desse conceito, ele defende que todos os gêneros da indústria cultural como a cinematográfica, deixam essa aura para trás abandonando seu caráter único e se tornando reproduzível por toda a cultura de massa, e, como consequência disso, o cinema para de se tornar padronizado e passa a acompanhar o ritmo que a sociedade impõe.

“A reprodutibilidade técnica tem seu fundamento imediato na técnica de reprodução. Esta não apenas permite de forma mais imediata a difusão em massa da obra cinematográfica como a torna obrigatória”. (BENJAMIN 1987, p 172). Com essa afirmação, Benjamin comprova que o fato da obra de arte deixar para trás seu efeito único, tornando-se objeto de reprodução, é uma característica intrínseca e progressista. “O filme serve para exercitar o homem nas novas percepções e reações exigidas por um aparelho técnico cujo papel cresce cada vez mais em sua vida cotidiana.”. (BENJAMIN, 1987, p 174). Convergindo à teoria de McLuhan, o teórico defende que o cinema acompanha a vida cotidiana dando a ela uma nova percepção, levando o telespectador a comparar cenas do dia a dia com cenas que viu no cinema.

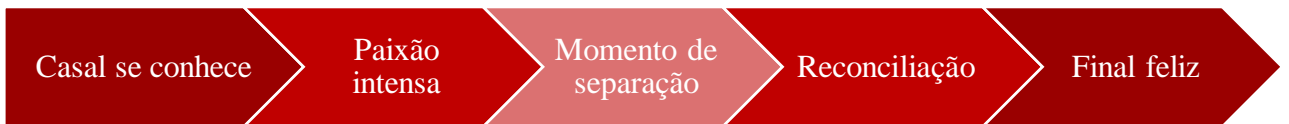
Concluindo, assim, que, quanto mais nítido se torna o avanço da indústria cinematográfica e de tudo que a envolve, menores serão os momentos únicos que um

dia envolveram o ato de ir ao cinema. Bons exemplos desses tipos de obras de arte são os filmes atuais, mais especificamente os produzidos a partir da década de 90, nos quais se torna possível notar claramente o padrão utilizado, perdendo tal caráter único.

Análise de Resultados

A seguir pode-se notar a importância da análise de filmes de diferentes gêneros. É possível encontrar o clichê na maioria das vezes, mesmo se tratando de públicos diferentes e independente de qual narrativa está se analisando.

Figura 1 - Estrutura de filmes de romance/drama



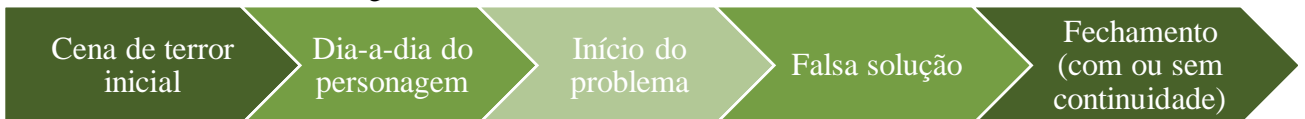
(Fonte: AS AUTORAS, 2018)

Figura 2 - Estrutura de filmes de narrativas de heróis



(Fonte: AS AUTORAS, 2018)

Figura 3 - Estrutura de filmes de terror



(Fonte: AS AUTORAS, 2018)

Análise do filme “Diário de uma Paixão”

A história de “Diário de uma Paixão”, dirigida por Nick Cassavetes, pode ser considerada um clássico do romance. Ela se baseia em Allie Hamilton (Rachel McAdams) e Noah Calhoun (Ryan Gosling), dois jovens que, em um verão de 1940, se conheceram num parque de diversões e se apaixonaram. Após um breve tempo de intensa paixão, os pais de Alie a mandam para longe por não aprovarem o relacionamento. Sete anos depois eles se reencontram com o noivado de Alie como dificuldade, que acaba escolhendo Noah para passar o resto dos seus dias.

Nesse enredo é possível ver muitas características do clichê: Um intenso amor de verão no qual a menina rica se apaixona pelo rapaz pobre tendo o relacionamento reprimido pelos pais, algo que já foi visto tanto em livros quanto em filmes e novelas. Após se separarem por anos, a personagem principal precisa escolher entre seu antigo amor ou o futuro noivo, decidindo-se então por sua primeira paixão.

Uma cena clássica presente no filme é o beijo que acontece na chuva. Enquanto o casal discute, começa uma chuva torrencial, molhando ambos. No meio da discussão o protagonista beija a mocinha, realizando assim uma das cenas mais conhecidas da história do cinema, sendo vista também em filmes como *Singing in the Rain* (1952), *Homem Aranha* (2002), *O Demolidor* (2003), entre outros. Tal cena foi usada tantas vezes por conta do sucesso que faz, ao conseguir transmitir os sentimentos com exaltação e emoção, e retratar, portanto, os fatos com certo apelo emotivo.

Análise do filme “Cidades de Papel”

Por outro lado, também há situações em que o clichê não é usado, como em *Cidades de Papel*, produzido por Wyck Godfrey e Marty Bowen. O filme é norteado pela paixão de Quentin (Natt Wolff) por Margo Roth (Cara Delevingne), que se segue desde a infância de ambos que, além de estudarem na mesma escola, são vizinhos. Enquanto Margo é popular e referência de estilo na escola, Quentin é estudioso e não se sobressai senão pelas boas notas que constam em seu boletim. Em determinado momento da trama, Quentin tem a oportunidade de se aproximar de Margo e entender seus mistérios. Cada vez mais e mais envolvido, tanto o telespectador quanto o jovem nerd têm a expectativa de um final feliz para o garoto, junto à sua paixão platônica. O que não ocorre, uma vez que quando ele vai em busca de Margo, ela dá-lhe um beijo na boca e o dispensa logo em seguida, dando fim à trama nada relativamente ordinária.

Uma vez que o padrão de personagens principais terminarem o filme juntos, em produções de romance, foi quebrado, tem-se certa rejeição por parte do público. De acordo com o site Rotten Tomatoes, o qual é conhecido mundialmente por reunir avaliações de críticos e de audiência sobre certo filme, apenas 56% dos críticos gostaram de *Cidades de Papel*, resultando em uma nota de 5.8/10. Já com uma opinião menos profissional, cerca de 47% da audiência aprovou, sendo atribuída uma nota de 3.2/5. Já de acordo com o site Adoro Cinema, caracterizado por exibir críticas dos telespectadores, das 137 críticas, 59 apresentaram avaliação 3/5 ou menos.

Análise do filme “Os Vingadores”

O filme “Os Vingadores”, dirigido por Joss Whedon em 2012, traz em seu enredo a reunião dos principais super heróis da Marvel, sendo eles Homem de Ferro, O Incrível Hulk, Thor, Capitão América, Gavião Arqueiro e Viúva Negra, os quais foram recrutados pelo líder da S.H.I.E.L.D, Nick Fury, com a responsabilidade de salvar o mundo de um ataque alienígena causado pelo vilão Loki. O grupo de super heróis passa por grandes desafios durante o filme para no final mostrar que, apesar de haver conflitos, o trabalho em equipe é sempre a melhor opção quando o assunto é salvar o mundo.

Como em todo filme de herói, é possível perceber a ordem cronológica dos acontecimentos de maneira explícita nesse filme. O enredo segue sempre o mesmo ritmo, com grandes explosões, vilões e momentos de muita tensão onde tudo tende para o erro. Entretanto, como em toda produção cinematográfica que segue o padrão clichê, o time que antes era desunido e todo pautado no egocentrismo dos personagens, começa a mostrar sinais de união e amizade, culminando com a fatídica cena final onde a metrópole principal é completamente destruída, restabelecendo assim a paz e a tranquilidade que foram tiradas em decorrência dos vilões extraterrestres.

Análise do filme “Homem de Aço”

Já o longa metragem Homem de Aço, dirigido por Zack Snyder, datado de 2013, traz a história de um super-herói (Henry Cavill), exilado de seu local natal, Krypton, o qual enfrentava conturbadas situações. Ao chegar à Terra por meio de uma nave enviada por seu pai- visando salvá-lo da destruição que ocorria em seu planeta- é adotado por um casal que o nomeia como Clark. O general de sua cidade natal, cujo nome é Zod, fica furioso com a atitude dos pais do herói em exilar Clark, então vai atrás dele e inicia uma batalha na Terra, neste momento os seres humanos começam a ser apresentados ao que se nomeia como Super-Homem. Durante o enredo, Clark se apaixona por uma curiosa jornalista que noticia com frequência seus feitos, e então ele passa a lutar para proteger tanto ela quanto os cidadãos terráqueos da ira de Zod.

Os padrões de personagem da narrativa heroica se mantêm, bem como nos aspectos físicos (abordados no presente estudo) e em atos heroicos como visando proteger os cidadãos, a Terra e a família que o criou. No final, como é o parâmetro, o

super-herói vence o general Zod e a paz volta a reinar na Terra. Final aguardado pelo telespectador, pois, apesar de ser bastante cordial com as autoridades e com os cidadãos, Clark é temido por eles e tenta mostrar que é operante quanto a ordens. Mas essa tentativa nem sempre é válida na trama, o que faz o enredo ficar mais dinâmico e permite que haja embates, reafirmando, assim, o clichê da narrativa heroica uma vez mais.

Análise do filme “Invocação do Mal”

Filmes de terror também possuem suas cenas particularmente comuns, que, mesmo já sendo mundialmente conhecidas, ainda conseguem assustar quem está assistindo. Em “Invocação do Mal”, lançado em 2013 pelo diretor James Wan, um casal se muda para uma casa nova em uma fazenda distante com suas cinco filhas. Ao descobrirem um porão na casa, estranhos acontecimentos começam a assustar a família, como manchas roxas aparecendo no corpo da esposa; os relógios parando as 03h07; pés sendo puxados e batidas estranhas de madrugada. A família decide então procurar um famoso casal de investigadores paranormais, que os ajuda a descobrir o que acontece na casa. Após pesquisas, os investigadores descobrem as atrocidades que aconteceram no local, tornando-a amaldiçoada. Com a revolta da entidade demoníaca que ali vive, possessões acontecem seguidas de exorcismos e a resolução do caso.

Já no início do filme é possível perceber os indícios do clichê com uma família indo morar em uma casa antiga basicamente no meio do nada. Grandes moradias, quartos de hotéis, hospitais e orfanatos sempre são cenários para fantasmas que as assombram por terem morrido e sofrido no local, como já visto em 1408 (2007), A Mulher de Preto (2012), O Orfanato (2007) e Poltergeist - O Fenômeno (2015). A casa por si só já é assustadora e o fato do elenco possuir crianças só contribui ainda mais para o ambiente temeroso, outro recurso altamente explorado pelos cineastas, que usam da inocência das crianças para criar um maior impacto.

Análise do filme “Pânico”

Outro padrão de terror encontrado é o que passa a sensação de perseguição e de um terror mais visual, com cenas sangrentas e chocantes. A produção “Pânico”, originalmente chamado de “Scream”, dirigido por Wes Craven no ano de 1996, traz a história de uma jovem chamada Sidney Prescott (Neve Campbell) que após perder a

mãe em uma morte brutal, precisa, junto de um grupo de amigos, enfrentar um maníaco em sua cidade chamada Woodsboro. Após uma série de assassinatos, a personagem percebe que está sendo perseguida pelo assassino, levando-a a desvendar quem é o verdadeiro responsável por todas as mortes.

Pânico, que foi um grande sucesso nas bilheteiras americanas no ano de seu lançamento, retrata exatamente o que se espera em um filme de terror de perseguição. Misturando terror com humor negro, esse filme trás praticamente todas as cenas consideradas “clichês” do gênero, até sendo comentadas por personagens no decorrer do longa. Situações como a personagem bonita e popular estar sozinha e ser assassinada de forma violenta, o grupo de amigos se separar durante a fuga ou então o vilão nunca morrer de verdade são exemplos do que o telespectador já está cansado de ver. Com a icônica máscara de fantasma, Pânico é considerado um marco na história do cinema e serviu de inspiração para inúmeros outros sucessos, como “Eu Sei O Que Vocês Fizeram No Verão Passado” e outros com um serial killer como vilão principal, além de inúmeras sátiras.

Cineastas como propagadores do clichê

É preciso afirmar que por trás de todo o sucesso dos clichês, existem grandes mentes que viram oportunidades no que tinha uma maior repercussão e continuaram a utilizar a mesma técnica. Tais mentes podem ser chamadas de roteiristas, que determinam o enredo do filme, e os diretores que, de maneira prática, são os que criam as atmosferas necessárias e determinam as cenas.

Cada diretor tem um estilo e uma forma diferente de retratar as diversas histórias, muitas vezes se identificando com determinado gênero e utilizando disso para ter um maior sucedimento, mas mesmo com essas divergências, ainda sim, todos recorrem aos recursos do clichê.

Quadro 1 - Diretores

GÊNERO	DIRETORES	FILMES	DIRETORES	FILMES
Terror	James Wan	Stygian (2000) Jogos Mortais (2004) Sobrenatural (2010) Invocação do Mal (2013) Sobrenatural: Capítulo	Guillermo Del Toro	Cronos (1993) A Espinha do Diabo (2001) O Labirinto do Fauno (2006) A Colina

		2 (2013) Invocação do Mal 2 (2016)		Escarlate (2015)
Romance	Rob Reiner	Um Amor de Vizinha (2014) O Primeiro Amor (2010) Dizem por Aí... (2005) Alex & Emma - Escrevendo Sua História de Amor (2003)	Nick Cassavetes	Mulheres ao Ataque (2014) Diário de uma Paixão (2004) Loucos de Amor (1997) De Bem com a Vida (1996)
Heróis	Bryan Singer	X-Men: Apocalipse (2016) X-Men: Dias de um Futuro Esquecido (2014) Superman: O Retorno (2006) X-Men 2 (2003) X-Men: O Filme (2000)	Christopher Nolan	Interestelar (2014) Batman: O Cavaleiro das Trevas Ressurge (2012) Batman - O Cavaleiro das Trevas (2008) O Grande Truque (2006) Batman Begins (2005)

(Fonte: AS AUTORAS, 2018)

Na tabela acima está representada a quantidade de obras já feitas por diretores característicos de cada gênero. É possível ainda perceber que, em gêneros como ação, heróis e terror, os diretores costumam continuar a produzir sequências e filmes parecidos, algo que já não vemos no romance, em que um diretor pode ter feito apenas um grande sucesso romântico em sua carreira. Essa constatação converge para a ideia de que, mesmo se o filme foi dirigido por pessoas completamente diferentes, eles ainda serão iguais, visando alcançar grande repercussão.

Clichês representados em pôsteres cinematográficos

Os clichês não são apenas vistos nos enredos em si, mas também em tudo que os envolve, como na publicidade, nos cartazes disponíveis e até na trilha sonora. Um exemplo prático dessas semelhanças são os cartazes, que muitas vezes também são

utilizados como as capas dos filmes, já dando indícios do que se tratará o enredo e o gênero.



(Fonte: WIKIPEDIA, 2018) (Fonte: ADOROCINEMA, 2018) (Fonte: SAPOMAG, 2018)

Nota-se nos cartazes cinematográficos, acima, o padrão comumente utilizado para dar uma prévia do que virá a ser apresentado no filme. A semelhança é visível, dados o aspecto: um casal, no qual se encontram de costas um para o outro, transmitindo a ideia de que haverá conflitos na relação, além de que os homens estão de roupa social e as mulheres, na maioria das vezes, vestidas de saia ou vestido.

De maneira geral, é possível perceber que esse estilo de capa é normalmente utilizado em comédias românticas, pois resgata o ar descontraído que o gênero busca a utilizar contraste entre o fundo claro e o título de cores quentes.



(Fonte: ADOROCINEMA, 2018)

A figura de um homem segurando o rosto de uma mulher é amplamente utilizada nas capas de dramas românticos, pois demonstra o envolvimento e a proximidade do casal. Essa pose característica, aliada às cores de tons quentes, remetem

à paixão. Se nos filmes de comédia romântica o casal se encontra posando de costas um para o outro, nos filmes dramáticos, eles estão de frente, representando o compromisso e a entrega.

Não é apenas no gênero romance que podemos ver essas semelhanças. No terror os cartazes também são usados para passar a ideia principal do filme, muitas vezes já mostrando com o que o personagem principal terá que lidar.



(Fonte: NETFLIX, 2018)

Crianças são novamente trazidas à tona para despertar o medo nos telespectadores. Com olhares fulminantes envolvidos em uma sombra preta, essas capas retratam uma atmosfera sombria e tensa do gênero de terror. Vê-se ainda que, nas três capas, os personagens estão na mesma posição, com metade do rosto à mostra, além do rosto estar voltado para baixo, enquanto o olhar permanece para cima.

O enfoque dado para o olhar faz com que sintamos o desespero do protagonista, que, alinhado aos tons e pose dos personagens (recursos acima citados), reafirmam a constância do gênero, como verifica-se abaixo.



(Fonte: NETFLIX, 2018)

Constata-se que há um ser sobrenatural atrás de cada personagem, provavelmente o que o assombrará durante a trama. Filmes com esse tipo de capa geralmente tratam de perseguições e paranoias, utilizando-se de tais recursos para já criar a sensação esperada no telespectador.

Conclusão

Dos autores e teorias analisados, foi possível perceber o amplo uso do clichê dentro da indústria cinematográfica especificamente dentro dos gêneros romance, terror e narrativas heroicas. Dessa maneira, ao assistir uma estrutura já conhecida dentro do cinema, o telespectador se sente confortável pois já tem noção do que normalmente se segue, o que lhe permite desfrutar dos detalhes de cada narrativa e se atentar às peculiaridades que tornam cada filme extraordinário. A partir dos estudos citados no presente artigo, percebe-se também que quando as narrativas saem do padrão esperado, os telespectadores as rejeitam na grande maioria das vezes.

Notou-se ainda o padrão empregado não somente nas estruturas desses gêneros mas nas características em geral das personagens que neles atuam. Ao perceber este molde, os diretores de cinema lucram com essa aceitação por parte do público, e sob este viés foi tratado também de perceber, neste estudo, por meio da análise de pensadores, a teoria crítica no que tange essa repetição padronizada e como ela alimenta a indústria cultural atual.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **A televisão e os padrões da cultura de massa**. In: OSENBURG, Bernard; WHITE, David Manning (Orgs.). **Cultura de massa: As artes populares nos Estados Unidos**. São Paulo: Cultrix, 1973.

ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. São Paulo: Brasiliense, 1987

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Almedina Brasil, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Zahar, 2002 .

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In: _____. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras Escolhidas v.1)

CAMARGO, de Hertz. **Mito e Consumo Imaginário**: estruturas mágico-totêmicas no filme publicitário: “ Os últimos desejos da Kombi”. 2016

CIPRIANI, Viviana; OLIVEIRA E SILVA, Roberta Del-Vechio de; BONA, Rafael José. Merchandising no cinema brasileiro. Uma análise de caso dos filmes: Cazua, Olga e Dois Filhos de Francisco, 2006

GOMES, Jochen. *O cinema como consumo cultural, um estudo sociológico sobre gostos e preferências da cultura cinematográfica junto ao público universitário de Mossoró - RN, 2003

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. **A indústria cultural**: o iluminismo como mistificação de massas. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

MCLUHAN, M. **A galáxia de Gutenberg**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1967.

MCLUHAN, M. **O meio são as mensagens**. Rio de Janeiro: Record, 1969.

ADORO CINEMA. Disponível em: < <http://www.adorocinema.com/>>. Acessado em: 25 jan 2018.

NETFLIX. Disponível em: < <https://www.netflix.com/br/>>. Acessado em: 25 jan 2018.

SAPOMAG. **Kiss & Kill - Beijos & Balas**. Disponível em: <<https://mag.sapo.pt/cinema/filmes/kiss-kill-beijos-balas>>. Acessado em: 25 jan 2018.

WIKIPEDIA. **Pretty Woman**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pretty_Woman>. Acessado em: 25 jan 2018.